

EPISTEME: FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS EM REVISTA

dedica seu número 10 à temática da *Ciência e tecnologia: explorando novas dimensões conceituais*, discutida em simpósio internacional realizado de 27 a 30 de outubro de 1999, em Porto Alegre, promovido pelo Grupo Interdisciplinar em Filosofia e História das Ciências, editor desta revista. Compartilhando com nossos leitores os seus resultados, trazemos a este número trabalhos representativos dos temas debatidos por pensadores de reconhecida atuação na área em três conferências e cinco mesas-redondas, gravitando em torno a cinco pontos centrais às discussões contemporâneas sobre a ciência: a relação entre o “real” e o “virtual” na prática científica, o “construcionismo social” e a agenda tradicional da Filosofia da Ciência, o papel da História da Ciência para a compreensão da ciência, os limites entre ciência e ética, e a discussão de propostas para uma política de ciência e tecnologia neste fim de milênio.

Abrindo nossa coletânea de textos, em *Conversando com Ian Hacking* trazemos uma entrevista exclusivamente concedida a EPISTEME por uma das figuras mais marcantes do pensamento filosófico atual e que brindou nosso simpósio com sua brilhante participação. Num bate-papo com *Anna Carolina K. P. Regner*, *Ian Hacking* fala-nos sobre sua trajetória e projetos filosóficos, sobre como vê a Filosofia e História da Ciência hoje e sobre a contribuição de sua obra aos enfoques que referenciam a área.

Ao longo da leitura oferecida neste número, serão focalizadas questões de natureza epistemológica e filosófica, como a do “realismo” científico, que não pode hoje ignorar a “virtualidade” da ciência como seu elemento constitutivo, levando a repensar as tradicionais distinções “teoria/experimento”, “sujeito/objeto”, “pesquisa acadêmica / produção industrial”, “pesquisa básica / pesquisa aplicada” e a questão da “construção do real”, com suas implicações sociais, bem como sua inevitável “contextualização histórica”. *Timothy Lenoir*, em *Science Matrix 2000: the Fusion of the Digital and the Real in Contemporary Scientific Practice*, pergunta se estamos no limiar de uma nova Renascença, uma renascença “pós-humana”, sob o impacto das novas tecnologias, transformando nossa noção do “real”, de nosso “corpo”, redefinindo “comunidade” e o que entendemos por “nós mesmos”, juntamente com uma profunda transformação no nosso próprio conceito de “ciência”. Podemos, então, perguntar: entre o “real” e o “virtual”, onde está a ciência? Como entender as relações entre “realismo” e “ciência”? *Rodolfo Gaeta* propõe-se a clarificar o que está envolvido nesse questionamento, em *Realismo y ciencia*, na perspectiva do estabelecimento de uma distinção entre sua colocação no plano empírico e no metafísico.

Uma nova pauta de questões ou, pelo menos, novas abordagens sobre a natureza e prática da ciência parecem impor-se, levando-nos a focalizar a agenda tradicional da

filosofia da ciência face às problematizações que emergem de nossa realidade histórica e social, e a refletir sobre o papel da história da ciência para as nossas novas compreensões. A “história da ciência” surgiu no palco contemporâneo das indagações filosóficas sobre a ciência produzindo profundas modificações nas nossas compreensões. *Vassiliki Betty Smocovitis*, em *Where Are We? Some Closing Thoughts on the History of Science and Technology in the End of the Millenium*, examina o impacto causado pela história da ciência e tecnologia e nos proporciona uma reflexão crítica sobre o novo panorama que se delinea, retratado por várias das discussões levantadas no referido simpósio. *Roberto de Andrade Martins* examina as tendências recentes de desenvolvimento da historiografia da ciência, procurando fazer previsões sobre o desenvolvimento da área no início do século XXI e antevendo, para um futuro próximo, uma queda da hegemonia da atual abordagem sociológica e uma coexistência pacífica entre várias abordagens metacientíficas distintas. *Victor Rodríguez* explora uma das vertentes de interesse à compreensão da atividade científica que podemos encontrar no trabalho com a história da ciência, tomando o caso da história da astronomia e de nossa imagem científica do cosmos para examinar o conceito de “descobrimento” em *Descubrimientos y heurísticas en Astronomia*.

Sob diferentes ângulos, os novos questionamentos levam a perguntar sobre a ética da prática e da socialização dos resultados da ciência, sobre seus valores, parâmetros e dimensão política. *Alberto Cupani*, a partir de uma análise das noções de “ciência”, “ética” e “política”, examina, em *Limites da ciência?*, a pretensão de se estabelecer os limites do desenvolvimento científico e tecnológico à luz de razões éticas e políticas, vinculando a possibilidade desse estabelecimento a uma transformação social que redistribua os papéis e o controle do saber. *Joaquim Clotet* detém-se nos aspectos referentes aos limites éticos das ciências biomédicas, levando a ver, em *Ciência e ética: onde estão os limites*, que os limites que acompanham o desenvolvimento e a aplicação da ciência, decorrentes dos direitos humanos e dos valores humanos (liberdade, autonomia e dignidade), ao invés de destruir, orientam e desafiam o bom desempenho da ciência. Em *Rompendo os limites entre ciência e ética*, o autor *José Roberto Goldim* aborda a questão da ética desde a consideração do conhecimento científico visto sob três formas diferentes: como conhecimento proibido, sem limites e perigoso, a partir da situação dos comitês de ética na elaboração de padrões de avaliação para liberação de projetos. No que se refere ao dimensionamento político do desenvolvimento da ciência e tecnologia, *Sergio Weingarten* em *Ciência e tecnologia: estratégia e neo-desenvolvimentismo* propõe-se a analisar o “desenvolvimentismo” enquanto principal ideologia da modernidade no Brasil e sua leitura leva-nos a ressaltar a necessidade do dimensionamento político para a geração e sustentação do desenvolvimento científico e tecnológico e de uma visão crítica da rede “globalizada” das relações de poder.

Seguindo a temática deste número, em nossa seção de resenhas *Maria Lúcia Castagna Wortmann* traz, com *Uma outra história sobre o processo de construção da síntese evolutiva*, um convite à leitura de *Unifying Biology: The Evolutionary Synthesis*

and Evolutionary Biology, da autora *Vassiliki Betty Smocovitis*, introduzindo-nos a uma nova visão deste marco histórico do pensamento biológico. E, em *Ciência e valores: retomando o fôlego da questão*, o pensamento de *Hugh Lacey* em *Is Science Value Free? Values and Scientific Understanding* é apresentado por *Anna Carolina K. P. Regner* como demarcador de questões referenciais tanto a uma filosofia analítica da ciência e dos valores, quanto a uma reflexão moral sobre o lugar da ciência na sociedade contemporânea.

Anna Carolina K. P. Regner
Editora

